

Síntese sobre secção “cantos, contos e que mais...” Campo Maior**Memóriamedia**

Os registos realizados junto da poetisa Rosa Dias foram realizados por Ana Machado (entrevista) e Catarina Machado (vídeo) no âmbito do trabalho de curso “Registo de vídeo de tradição oral” promovido pela Memóriamedia na Escola de Verão da Universidade Nova de Lisboa, em Julho de 2012.

Contactada pelas duas formandas a poetisa popular alentejana mostrou-se disponível para conceder uma entrevista onde falaria sobre a sua poesia e o seu tempo de infância em Campo Maior.

Rosa Dias nasceu em 1947, em Campo Maior, onde viveu até aos 12 anos. Vive em Lisboa há 53 anos, mas mantém o sotaque e para ela o Alto Alentejo, o campo, a família, os lugares, as histórias e as pessoas que rechearam a sua infância continuam a fazer parte do seu quotidiano.

Rosa Dias propôs que a gravação fosse feita na Casa do Alentejo, em Lisboa. O local da entrevista tem um significado importante para a poetisa e também este espaço inspirou um dos seus poemas.

Casa do Alentejo

*“Saí um dia de casa
Andei a pé pela cidade
Fui à Baixa, ao Rossio
À Avenida da Liberdade*

*Segui por uma rua estreita
Sem saber onde ia dar
Passei resvés a uma casa
Ouvi o povo cantar*

*Entrei, subi a escada
Minha alma não resistia
Passei salas e mais salas
Radiante de alegria*

*Foi povo do meu Alentejo
Que ali ouvi a cantar
O salão estava cheio
Cheinho, a abarrotar*

*Foi chinela para o meu pé
Que eu encontrei nesse dia
E assim logo aproveitei
Para declamar minha poesia*

*O povo? O povo então delirou
De aplausos e cumprimentos
E assim juntos passámos
Uns bons alegres momentos*

*Nas Portas de Santo Antão
No coração da cidade
Fica a casa alentejana
Para quem quer matar saudade*

*Casa-palácio, quem diria
Que depois de tanta fama
Serias quente refúgio
Desta gente alentejana?”*

Rosa Dias

Embora o tópico central destes registos fosse a poesia popular de Rosa Dias, foi-lhe também pedido que contasse lendas e histórias de que tivesse conhecimento sobre Campo Maior. Neste processo Rosa falou do castelo de Campo Maior e recitou a sua “Toada a Campo Maior” que tem como referência esse imaginário.

Toada a Campo Maior

*“Em Campo Maior
Vila do Alto Alentejo
Planície de trigais
Cercada de boa terra
De afamados olivais
Onde me vejo e revejo
Nesse meu lindo Alentejo
Onde nasceram meus pais
Morei numa casa velha
Na piçarra do castelo
Velha mas branquinha e bela
Onde eu tive uma varanda
No lugar duma janela
E nas traseiras da casa
Onde o sol batia em brasa
Havia a dita varanda
Onde em noites de Verão
E tardes de sol de Inverno
Batia o meu coração
Como quem está no Inferno
Inferno sim, mas de prazer
Pois posso agora dizer
Que aquilo que então sentia
Dava-me tanta alegria
Tanta força para viver
E nessa bela varanda virada ao sol nascente
Havia vida, havia gente
Gente que chorava, gente que ria
Gente por demais conformada
Com a miséria que havia
Debruçados na varanda
Onde o ar entra e comanda
Havia vasos de latas
Enfeitados com flores
Das mais variadas cores
Fazendo-me então parecer
Que eu estaria a viver
Num jardim de nobres senhores
Ou num palácio tão belo
Dentro de nobre castelo
Se José Régio disse então
Que tinha por diversão*

*Uma pequena varanda
Diante de uma janela
Toda aberta ao sol que abrasa
Ao frio que tolhe e gela
Ao vento que anda, desanda
E sarabanda e ciranda
Em redor da sua casa
Porque não poderei eu dizer
Que em Campo Maior
Vila do Alto Alentejo
Planície de trigais
Cercada de boa terra
De afamados olivais
Onde me vejo e revejo
Nesse meu lindo Alentejo
Onde nasceram meus pais
Também tive uma varanda
Numa casa bela mas velha
E como o vento ciranda
Vida de pobre desanda
E tantas vezes sarabanda
Não pude ter uma janela
Mas em frente à pobre casa
Uma bela torre se erguia
Com traços de fidalguia
Lá bem no alto uma janela
Uma janela manuelina
Onde esta pobre menina
Em sonhos e fantasia
Aquela torre subia
Debruçava-me à janela
Resplandecia alegria
Bela janela arrendada
Numa torre abandonada
Em frente da pobre casa
Aonde quase sempre abrasa
Era fogueira apagada
Mas a menina sorria
E guardou no coração
Aquela recordação
E hoje, com uma certa nostalgia
Conto através de poesia
A história que será lenda
De uma pequena varanda
Onde o sol batia em brasa
Onde o vento ainda anda
E sarabanda e ciranda
Ao redor da minha casa”*

Rosa Dias

No que diz respeito às suas memórias do cotidiano em Campo Maior, Rosa Dias recita um poema seu cujo tema muito tem a ver com a tradição oral e com o modo como as histórias e contos populares transitavam de boca em boca, de contador em contador. Rosa dias fala dos serões onde *“Cá dentro junto ao lume/Com as almas aquecidas/Mais velhos contavam histórias/De vidas então vividas”*.

Serões

*“Os serões do Alentejo
São belos a recordar
Chuva caía lá fora
Gente correndo a passar*

*Cá dentro juntos ao lume
Com as almas aquecidas
Mais velhos contavam histórias
De vidas então vividas*

*Com os sentidos atentos
E olhos arregalados
Crianças iam vivendo
Esses tempos já passados*

*Na trempe, grande sertã
De migas para acompanhar
O café que já fazia
A chocolateira arredar*

*A velhota, com a tenaz
Punha a brasa no café
E até o gato sornava
Ao canto da chaminé*

*Pegava então no canudo
Pertença de bisavó
Atiçava bem o lume
Com jeito, sem fazer pó*

*Boca sem dentes sorrindo
Grande borrão no cigarro
A moquita ia caindo
Nas botas negras com barro*

*Ainda me lembra as candeias
Nas paredes penduradas
Alumiando almas vivas
Ao borralhinho sentadas*

*E as mulheres mais idosas
Usavam as caneleiras*

*Pois passavam os invernos
Garranchadas nas braseiras*

*Canelas cheias de cabras
Que a muita mulher ralava
De aquecer a dianteira
Enquanto o traseiro gelava*

*Era a hora de cear
E depois de consolados
Ia tudo para a cama
Sonhar os sonhos dourados*

*Até ao cantar do galo
Que nos dava o despertar
E assim pequenos e grandes
Todos iam trabalhar”*

Rosa Dias